

JOGO DE BOLA: MUNDO DE CRIANÇA!

Em uma dessas andanças por ai, passando perto de um terreno baldio, vejo um bando de guris correndo atrás daquilo que parecia ser uma bola. Daquelas bolas velhas; meio rasgada, bastante surrada, corrida e desejada pela piaçada.

E a correria era enorme; dentro do campo imaginário, um maracanã para a gurizada, duas pedras de cada lado marcavam as goleiras. De um lado, os de camisa, melhor aquilo que parecia ser um uniforme, camisas de todo o jeito, sujas, rasgadas, brancas encardidas, de outro lado, os sem camisa, afinal tinham que distinguir os times, feitos na hora, com quem apareceu para jogar bola. No chão atrás das 'traves' das goleiras, duas ou três pastas, alguém a recém tinha vindo da aula e não chegou em casa sem jogar uma pelada.

Bem, resolvi contar, tinham 10 atletas de um lado e 05 de outro, estranhei a contagem e resolvi recontar. Comecei pelos de camisa que eram em maior numero; dois gordinhos, um fincado na frente de todos, quase na pescaria, todo mundo reclamando que ele não corria e os adversários reclamando porque ele não saia da banheira, o outro feito um palanque parado perto da goleira, não corria mas também na atrapalhava. Tinha dois de calça comprida, um com a barra dobrada, correndo com um tênis que parecia ser novo, imaginei a guerra que seria em casa quando chegasse todo sujo, o outro com as calças soltas, camisa, sim de camisa, solta por cima e já todo empoeirado, calculei que eram os donos das pastas, não jogavam grande coisa mas equilibravam um pouco as coisas. Três pequeninhos, franzinos perto dos outros calculei que eram bem mais novos, depois vi que eram irmãos de outros dois do time adversário, irmão não pode jogar do lado de irmão para não dar briga. Bem e os dois servidores e o craque do time, gritavam, xingavam, corriam mais que os outros, um com cabelo estilo Neymar, marrento, cheio de ginga e palavreado interessante de boleiro, era o dono do time realmente. Mesmo magrinho, não se afrouxava perto dos outros, corria, chutava e marca seus gols, para comemorar, juntavam os três melhores e ensaiavam uma tosca dancinha, estavam se divertindo pelo que vi.

Do outro lado aqueles que pareciam ser os bons de bola da parada, dois guris grandes, bem, maiores que os outros pelo menos, eram os irmãos dos pequenos adversários, com tênis caprichado, meia de jogador e calção na moda. Ao completar o time um que parecia ser o mais molóide de todos, corria, suava, não jogava nada, mas compensava pelo esforço e outros dois copiavam os adversários, um fincado na frente, tipo fica lá na frete e chuta na direção do gol, de repente você acerta e o outro, parado no meio do campo porque não conseguia correr de jeito nenhum, essa era a compensação, três grandes aparentemente bons de bola contra o craque júnior marrento e sua trupe de semi atletas.

Aquela correria só, as goleiras imaginarias sofriam com os ataques. De repente, a bola passa 'alta', cerca de 2m a gritaria do pequeno craque, correndo com o cabelo espetado, já iniciando a dancinha quando um dos grandes gritou que tinha sido fora, a bola tinha ido muito alta e tinha saído fora do gol, os sem camisa discutiram, gritavam mas, depois de argumentos, aceitaram a decisão, anularam o gol. Que mente logo imaginei, eles conseguiam visualizar a bola passando por cima das goleiras e não precisavam de juiz para dizer isso.

Me chamou atenção também que não tinha linha lateral, a gurizada corria com a bola e quando achavam que tinha saído gritavam, fora!! Quando tinha alguma possibilidade de gol até dava uma discussão senão aceitavam e pronto, cobravam o lateral e dê-lhe bola. O jogo corria solto, tranqüilo, empate até agora. De repente eles param, “Tempo” tinha gritado um deles, saíram todos para atrás de uma das goleiras, na pedra escorado um litrão cheio de um liquido róseo, suco de morango comprado com uma 'vaquinha' entre os presentes, acompanhando um pacote de bolachinhas recheadas, as outras eram muito ruins. Todo mundo se fartou com o suco e as bolachas e voltaram para o jogo. Correria de novo e nada de sair gol. Estava escurecendo quando de repente o grito fatal..Pedro Henrique!!!! Venha já para casa e acaba com esse jogo, vocês tem tema para fazer e não podem ficar jogando bola sem fazer nada, está escuro, já para casa!!!

Tristeza geral, Pedro Henrique (um dos gordinhos que não jogava nada) era o dono da bola, irmão de dois dos pequenos, não tinha jeito, tinha que terminar o jogo e o pior, aquele grito, Pedro Henrique!!!, parecia um alarme, as mães começaram a chamar todo mundo, não deu nem para bater os pênaltis para saber quem tinha ganho a partida. Que nada, foram todos para casa prometendo que amanhã vai ter jogo de novo, para desempatar, Pedro traria a bola, Marcos iria comprar as bolachas e João traria o suco que tinha sobrado. Jogo de bola, diversão, alegria simples e presente.

É, não se precisa de um maracanã para ser feliz, basta um terreno baldio, seis ou sete pedras de goleira e um bando de amigos para se divertir.

